

## DESDE QUE SEJA ROSA:

### A controversa questão do gosto na arquitetura de interiores

*As long as it's pink: The controversial question of taste in interior design*

*Desde que es rosa: La cuestión controvertida del gusto en arquitectura de interiores*

ARAUJO, Fanny Schroeder F.

Professora Mestre e Doutoranda, Universidade Presbiteriana Mackenzie, fannyschroeder@gmail.com

LIMA, Ana Gabriela Godinho

Professora Doutora, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie  
FAUMACK – São Paulo, SP, Brasil; godinholima.ag@gmail.com

#### RESUMO

Este artigo apresenta uma nova abordagem sobre os resultados obtidos no âmbito do projeto de pesquisa "Feminino e Plural: Percursos e Projetos de Arquitetas e Designers" (financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP - e Fundo Mackenzie de Pesquisa - Mackpesquisa, 2011 à 2014), fundamentada nos trabalhos da historiadora de arte e design inglesa Penny Sparke (2010) e da segunda autora deste artigo, Ana Gabriela Godinho Lima – embasada em grande parte nos estudos do antropólogo Pierre Bourdieu (1999) – buscando, assim, compreender as concordâncias e discordâncias entre estas autoras na questão do gosto feminino no ato de projetar. O presente trabalho também procura apresentar uma nova perspectiva, ou seja, uma renovação no debate sobre o assunto, colocando em pauta outra ótica sobre o tema do gênero em Arquitetura e Design.

**PALAVRAS-CHAVE:** Processo de projeto, gênero, arquitetura de interiores, cultura material.

#### ABSTRACT

*This article presents a new approach on the results obtained in the research "Feminino e Plural: Percursos e Projetos de Arquitetas e Designers" (funded by Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, and Fundo Mackenzie de Pesquisa - Mackpesquisa, during 2011 and 2014) based on studies of the English design historian Penny Sparke (2010) and Ana Gabriela Godinho Lima - based on studies anthropologist Pierre Bourdieu (1999) - analyzing the agreements and disagreements between these authors about feminine taste and design. This paper also presents a new perspective on the debate about the subject, putting in question another perspective on the gender issue in Architecture and Design.*

**KEY-WORDS:** Design process, gender, interior design, material culture.

## RESUMEN

*Este artículo presenta un nuevo enfoque de los resultados obtenidos en el ámbito del proyecto de investigación "Feminino e Plural: Percursos e Projetos de Arquitetas e Designers" (financiado por Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, y Fundo Mackenzie de Pesquisa - Mackpesquisa, en el período de 2011 - 2014), basada en los trabajos de la historiadora inglesa de arte y diseño Penny Sparke (2010) y de la segunda autora de este artículo, Ana Gabriela Godinho Lima - basada en gran parte en los estudios del antropólogo Pierre Bourdieu (1999) - buscando, desta manera, comprender las conformidades y disconformidades entre estas autoras en la materia del gusto femenino en el acto de proyectar. En este trabajo también se busca presentar un nuevo punto de vista, o sea, una renovación en la discusión del asunto, colocando en pauta otra óptica sobre el tema del género en la Arquitectura y Diseño.*

**PALABRAS-CLAVE:** *processo de proyecto, género, arquitectura de interiores, cultura material.*

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo analisa alguns aspectos da controversa questão do gosto na arquitetura sob a perspectiva de gênero. Fundamenta-se, para tanto, em duas referências principais; por um lado, o trabalho da pesquisadora inglesa Penny Sparke, *As Long as it's Pink – The sexual Politics of Taste*, parafraseado no título deste artigo. Neste livro, Sparke argumenta que o gosto se tornou uma questão de gênero desde o século XIX quando os interiores das casas excessivamente ornamentados eram associados com feminilidade, enquanto as formas mínimas e racionais da arquitetura modernista indicadores de uma estética masculina. Para a autora inglesa, gosto tem sido uma qualidade atribuída às mulheres, enquanto design, “produto de intensa reflexão com considerações artísticas” (POELZING, apud SPARKE, 2010), é uma construção feita pelo homem; e este, por sua vez conseguiu banalizar e marginalizar cultura material das mulheres. No segundo aspecto, o trabalho de Ana Gabriela Godinho Lima, segunda autora deste artigo, com quem a primeira autora trabalha há cerca de uma década, em artigo de 2014, pondera sobre alguns resultados do projeto da pesquisa "Feminino e Plural: Percursos e Projetos de Arquitetas e Designers" (realizado no período de 2011 a 2014, desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa “Percursos e Projetos: Arquitetura e Design” da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie – FAUUMP – em associação com a *School of Creative Arts - University of Hertfordshire*, no Reino Unido), em que foram colhidos os testemunhos de 9 profissionais mulheres ligadas à arquitetura, ao design e às artes. Segundo Lima, os testemunhos dados por essas mulheres a respeito de seus próprios processos de projeto não permitem identificar elementos "de gênero", ou seja, femininos ou masculinos, associados ao modo como trabalham;

antes, parecem ser os discursos profissionais com os quais elas constroem maior afinidade que podem ser facilmente identificados.

Este presente artigo prevê duas possíveis relações entre Sparke e Lima. Na primeira, as pesquisadoras estão em campos opostos. Sparke sustenta que há um "gosto" ou um modo de projetar feminino. Este gosto teria sido suprimido por parte das mulheres numa tentativa de alinhar-se com seus "opressores" e seus respectivos sistemas de valores masculinos, adotando-os como delas em uma tentativa de libertar-se. Entretanto em oposição, Lima sustenta que não há um gosto feminino, ancorado principalmente nos hábitos e discursos da profissão os elementos conformadores "do gosto", ou outras formas de julgamento ou decisões de caráter formal e estético. Fundamentada principalmente em Pierre Bourdieu, Lima sustentara em *Architectural Sketches: The Skill In The Field* (artigo publicado no IV Seminário Nacional sobre Ensino e Pesquisa em Projeto de Arquitetura - PROJETAR 2009 - São Paulo/SP) que o *habitus*, ou seja, o conjunto de práticas tácitas e discursos produzidos no âmbito de uma determinada profissão possuem uma força formadora que se sobrepõe à consciência de pertencimento a um determinado gênero e às noções de gosto.

Uma segunda abordagem considera a possibilidade de Sparke e Lima alinharem-se no que diz respeito ao posicionamento do gênero. Nesta segunda abordagem, a questão que se coloca é a de que a profissão da arquitetura tem seus discursos e práticas fundamentados principalmente em uma visão androcêntrica. Nesse sentido, as mulheres adotariam as práticas e os discursos predominantemente masculinos como estratégia de sobrevivência e crescimento na profissão. Sob essa perspectiva, elas teriam que ter reprimido características e comportamentos essencialmente femininos, adotando o discurso e as práticas androcêntricas. Esse posicionamento lançaria uma outra interpretação dos testemunhos colhidos ao longo do projeto "Feminino e Plural", segundo a qual, "o dominado assume o discurso do dominador", para usar a expressão utilizada por Pierre Bourdieu.

A proposta de inovação apresentada neste artigo está justamente nesta nova perspectiva de leitura do material colhido pela pesquisa "Feminino e Plural", fato decorrente do próprio progresso de novas pesquisas do Núcleo de Pesquisa "Percurso e Projetos: Arquitetura e Design", e também do desenvolvimento da tese de doutorado de Fanny Schroeder F. Araujo, segunda autora deste artigo, em andamento na FAUUPM. As autoras propõem também, com o presente trabalho, uma renovação, uma nova abordagem no debate sobre o assunto, colocando em pauta outra perspectiva sobre o tema do gênero em Arquitetura e Design, sendo ainda também encorajadas pelas recentes

demonstrações de interesse e valorização do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Cnpq – da contribuição das mulheres nas áreas científicas, dentre as quais pode-se destacar o ‘Programa Mulher e Ciência’, que lançou este ano a 4ª edição do "Pioneiras da Ciência no Brasil".

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO E MATERIAL DE PESQUISA**

Os resultados do levantamento realizados durante a pesquisa “Feminino e Plural” indicaram que os estudos sobre gênero e arquitetura e design são encaminhados, predominantemente, no âmbito das humanidades e das ciências sociais; estudos históricos, antropológicos, sociológicos e políticos perfazem a maioria das publicações encontradas naquele levantamento. Outros tópicos são a sexualidade, a saúde feminina e discussões sobre variados aspectos do corpo feminino. No que se refere às relações entre gênero e projeto em arquitetura e design, pode-se constatar que predominam as pesquisas cujo foco possui viés sociológico, histórico ou, nos casos de maior proximidade com a atividade projetual, estudos que se utilizam do referencial teórico da cultura material. Contudo o propósito da cultura material é estudar objetos, suas propriedades, seus materiais e seus modos de produção, visando compreender a cultura no contexto da qual são feitos, e as relações sociais que ensejam. Embora possua natureza transdisciplinar, a antropologia - e não a arquitetura e o design - é o campo de conhecimento central para esta disciplina (WOODWARD, 2002). Portanto, neste artigo é apresentado um novo enfoque sobre as considerações das pesquisas anteriores realizadas pelas autoras, contudo neste momento contrapondo com o olhar da historiadora de arte, arquitetura e design, Penny Sparke, que tem especial interesse no estudo do projeto dentro do contexto de consumo e suas relações entre gênero e a construção de identidade.

Os principais procedimentos adotados pela pesquisa “Feminino e Plural” foram o levantamento e revisão de literatura especializada e a realização de entrevistas a nove profissionais mulheres: seis arquitetas, duas designers e uma artista plástica. As conclusões iniciais indicaram que a percepção do processo de projeto relatado pelas entrevistadas sugeria a mobilização de conhecimentos cuja natureza articula tanto elementos culturalmente associados a comportamentos masculinos: tais como objetividade, foco em problemas concretos, atenção a questões técnicas e quantitativas; e comportamentos femininos: tais como empatia com o cliente, atenção aos detalhes do cotidiano,

flexibilidade nas decisões de projeto (LIMA, 2014b). Deste modo, pareceu oportuno para as autoras confrontar com o estudo de Penny Sparke, mais precisamente seu livro *As long as it's pink: the sexual politics of taste* (2010) em que a pesquisadora inglesa nota que dado o preconceito de gênero, que marginalizou a cultura feminina desde meados do século XIX, muitas mulheres decidiram alinhar-se com seus “opressores” e seus sistemas de valores masculinos, em especial quanto à cultura material, adotando-os como delas em uma tentativa de libertar-se.

Sparke ao comentar sobre a participação das mulheres no panorama cultural dos Estados Unidos e Grã-Bretanha da primeira metade do século XX, explica que no modernismo estava implícita a eliminação do gosto feminino no ambiente doméstico, e, segundo a autora, o controle foi transferido para as mãos dos profissionais – que eram majoritariamente homens arquitetos e designers – e que trabalhavam de acordo com os princípios de modernidade definidos a partir dos valores masculinos.

Para a historiadora inglesa a proposta do movimento modernista era muito ampla, promovendo uma ruptura com o passado, centralizada na ideia de renovação da linguagem da arquitetura, buscando assim um vocabulário mais apropriado para a nova sociedade democrática e tecnológica. Diferentemente da racionalização doméstica, que contava com a participação das mulheres com objetivo de alcançar maior liberdade e igualdade entre os gêneros, a autora afirma que o modernismo possuía um sistema de valores masculino e foi aderido quase exclusivamente por profissionais homens (SPARKE, 2010, p. 68). Esse sistema de valores, que estava diretamente relacionado com a esfera pública e dava ênfase à racionalização, padronização, objetividade e funcionalidade, contribuía para a crescente marginalização da cultura material feminina, assim como seus valores culturais como um todo.

Até o fim do século XIX, era tarefa da mulher a produção de suas casas, através de exercício de gosto. As mulheres – donas de casa – compravam objetos e produziam arranjos que compunham os interiores domésticos, assim os bens materiais eram escolhidos por meio de exercícios de discernimento, de juízo de valores e de bom gosto e deviam confirmar o *status quo* de suas famílias, além de oferecer ambientes confortáveis que não ameaçassem o conforto dos moradores e ainda em sintonia com a última moda (SPARKE, 2010, p. 10). Porém no modernismo, como explica Sparke, o ato de projetar, foi compreendido como um ato profissional, substituindo o exercício do gosto, compreendido como amador – e que era tarefa da mulher – assim a cultura masculina se sobrepôs à feminina nos interiores dos lares naquele momento (SPARKE, 2010, p. 80).

A pesquisadora inglesa recorda ainda que muitas escolas de Arquitetura e Design, em especial na América do Norte e Europa, se estabeleceram no século XX baseando seus currículos educacionais nos princípios modernistas, e a profissão de desenhistas industriais (designers) é, em grande parte, apoiada por estes ideais. Diversos museus colecionaram objetos produzidos em massa, selecionando-os de acordo com o pensamento modernista, resultando na base da formação dos cânones do que é um “bom” ou “mau design”. Assim, destas e outras maneiras, os ideais referentes ao modernismo foram filtrando na consciência pública, e suas hierarquias de valores sutilmente invadiram também as escolhas estéticas de amadores e profissionais. Para Sparke, dado o preconceito de gênero, que não tem servido bem às mulheres, exceto quando elas decidiram juntar-se a esses membros e adotar os sistemas valores deles como delas próprias, em uma tentativa de libertar-se (SPARKE, 2010, p. 10).

Todavia, a autora inglesa pondera que há duas formas de entender este fenômeno ocorrido durante o movimento modernista no decorrer do século XX; uma forma é ver as mulheres como vítimas que foram seduzidas e manipuladas para participar passivamente desse processo; outra perspectiva é compreender que aquelas mulheres viam a oportunidade de libertar-se da esfera privada, o que as possibilitou viver essa experiência, algo inédito em suas vidas na esfera pública. Esta libertação apontada pela pesquisadora inglesa, no que se refere ao ingresso das mulheres no mercado de trabalho, pode ser observada no Brasil nos estudos de Susan Besse (1999), em que a autora explica que, diferentemente dos países do Primeiro Mundo, no Brasil a estrutura hierárquica de classes moldou o novo sistema de gênero no início do século XX, uma vez que este sistema era profundamente enraizado nas tradições no nosso país. As modernizações corridas naquele século – tais como econômica, educacional e saúde pública – promoveram a modernização nos papéis de gênero, mas não a democratização. As mulheres foram solicitadas a trabalhar e contribuir para o progresso nacional, porém de forma pacífica, sem provocar a desordem ou mudanças radicais da ordem social dominante. A participação das mulheres na vida pública foi compreendida, por homens e mulheres, que deveria seguir as distinções naturais entre os gêneros.

“Os novos papéis femininos puderam ser assimilados nas tradições patriarcais, desde que fossem racionalizados como uma extensão, para a esfera pública, das capacidades inatas das mulheres e, pois, não emancipassem as mulheres da dependência mental emocional ou econômica em relação os homens.” (BESSE, 1999, p. 223)

A Besse conclui que esta nova atuação das mulheres fora da esfera doméstica criava uma “ilusão de mudanças”, mascarando e perpetuando a tradicional dominação masculina.

Sobre dominação masculina Pierre Bourdieu (1999) observa:

“A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou no interior desta, entre parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo da vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos.” (BOURDIEU, 1999, p. 18)

Bourdieu (1999) faz uma reflexão sobre o impacto do processo de formação profissional na construção da identidade. O autor observa que, ao longo dos anos de formação na faculdade não é exigido dos estudantes apenas o aprendizado das disciplinas, mas também aprendizado dos modos de se comportar, falar e agir, que se constituirão no *habitus* profissional; servindo de algumas ferramentas de análise Bourdieu descreve esses processos, que, de um modo simples, podem ser descritas do seguinte modo: o *habitus* constitui a incorporação de um comportamento típico do *campo* profissional, um saber que emana de um saber tácito, e cuja inobservância pode significar a exclusão ou a diminuição do reconhecimento e das oportunidades profissionais. Segundo estes preceitos, notamos que nos discursos das profissionais entrevistadas, durante a pesquisa “Feminino e Plural”, suas atuações profissionais e decisões projetuais estão mais associadas aos seus *habitus*, suas posturas profissionais aprendidas e incorporadas nos anos de formação e prática, do que ao gênero.

Como já apresentado nas considerações finais da pesquisa realizada (LIMA, 2014b), uma das maneiras de compreender a ausência do discurso de gênero no testemunho das profissionais entrevistadas poderia ser, ao menos em parte, relacionado ao processo de “incorporação da dominação”, definidos nos termos de Pierre Bourdieu (1999). Para o autor, a ordem masculina é algo instilado não apenas nos corpos, por meio de imposições silenciosas, subentendida nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos e privados (BOURDIEU, 1999, p.34); lembrando adiante

que os modos de conhecer das mulheres estão imersos em modos de pensamento que são produtos da introjeção de relações de poder constituídas sob a ordem simbólica – que relega às mulheres uma posição mais baixa, menor, em desvantagem (p. 45). Diante disso, mesmo que nos testemunhos não tenham deixado evidências de uma "consciência de gênero", não podemos deixar de ponderar se seria válido questionar até que ponto as ações implicadas nos processos de projeto não se constituem em ações cuja cultura se funda na lógica de nossa cultura tradicionalmente patriarcal, tácita, e por isso mesmo não questionada nem desafiada.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao rever as considerações finais da pesquisa “Feminino e Plural” (LIMA, 2014b) sobre os testemunhos das profissionais mulheres sobre a perspectiva de Sparke (2010) e Besse (1999) notamos que há um alinhamento com o entendimento de Pierre Bourdieu (1999) no que tange a construção das identidades profissionais das entrevistadas.

Sparke ao observar a atuação profissional das mulheres no início do século XX na Grã-Bretanha e Estados Unidos, relata que naquele período as mulheres, profissionais e amadoras, expressavam seus gostos de distintas maneiras, adequando seus pontos de vista ao que o modernismo oferecia, tanto estética como ideologicamente. *“Inevitably, the bulk of their work resided somewhere in the middle, blending modernist ideals with those of feminine domesticity, resulting in artifacts and interior settings that would have been at home in a Daphne du Maurier novel.”* (SPARKE, 2010, p. 99) Daquelas profissionais mulheres, que atuavam na área da arquitetura e design daquele período na Europa, receberam destaque, e as que foram reconhecidas trabalharam ao lado de seus “heróis” (SPARKE, 2010, p. 99), tais como a francesa Charlotte Perriand que colaborava com Le Corbusier nos projetos de mobiliários; Lilly Reich, designer alemã que se associou com o arquiteto Mies van der Rohe em vários projetos e; a designer irlandesa Eileen Gray, que trabalhou em Paris na década de 1920 ao lado de muitos arquitetos e designers da vanguarda francesa. Contudo, a autora destaca que as carreiras dessas profissionais estão enraizadas na arquitetura de interiores, projeto de mobiliário e artes decorativas, ou seja, áreas que estão diretamente relacionadas com a domesticidade ou “esfera feminina” dentro de uma compreensão tradicional patriarcal de atuação das mulheres.

Muitas daquelas profissionais – arquitetas e designers – ao se alinharem com os ideais da vanguarda modernista e ingressando na esfera masculina, negavam o estereótipo de estética feminina, o “gosto feminino” e os conceitos de domesticidade que a sustentavam; para Sparke, ao fazer isso, estas mulheres estavam procurando a emancipação cultural e igualdade de gênero. Porém, a autora ressalva que a estratégia de negação da cultura feminina foi realizada adotando os valores da cultura masculina.

*“Some female architects were undoubtedly attracted to modernism because they identified it with improved conditions for women. Certainly it promised better housing, schools, hospitals, nurseries, and labour-saving kitchens. However, these much-needed social advances were conceived in terms that prioritizes masculine over feminine values, utility over beauty, collectivism over individualism. As such, they went only some of the way towards fulfilling women's needed.” (SPARKE, 2010. P. 101)*

Desta forma, acreditamos que no caso das profissionais entrevistadas, não há uma negação do estereótipo de estética feminina, mas sim um maior alinhamento nos discursos profissionais em decorrência de suas próprias formações, tanto na faculdade como na prática profissional. Pode-se creditar esse alinhamento ao entendimento de Pierre Bourdieu, em que, possivelmente, a construção de suas identidades profissionais seja fruto do *habitus*, e não de negação intencional de gênero. Neste ponto, aproximando da percepção de Besse, uma vez que os valores tradicional patriarcais estão arraigados na cultura brasileira e, por consequência, nos alicerces do ensino e das práticas profissionais.

*“Tendo apenas uma existência relacional, cada um dos dois gêneros é produto de construção diacrítica, ao mesmo tempo teórica e prática, que é necessário à sua produção como corpo socialmente diferenciado do gênero oposto [...], isto é, como habitus viril, e portanto não feminino, ou feminino, e portanto não masculino. A ação de formação de Bildung, no sentido amplo do termo, que opera esta construção social do corpo não assume senão muito parcialmente a forma de uma ação pedagógica explícita e expressa. Ela é, em sua maior parte, o efeito automático, e sem agente, de uma ordem física e social inteiramente organizada segundo o princípio de divisão androcêntrico. [...] Inscrita nas coisas, a ordem masculina se inscreve também nos corpos através de injunções tácitas, implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos ou privados. [...] enfim, em geral tirando partido, no sentido dos pressupostos fundamentais, das diferenças biológicas que parecem assim estar à base das diferenças sociais.” (BOURDIEU, 2014, p. 34)*

## REFERÊNCIAS

- BALLARIO, Celia. *A Mulher e o Mercado de Trabalho*. São Paulo, Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura e Agronomia do Estado de São Paulo, 1997.
- BERKELEY, Ellen P. (Ed.); McQUAID, Matilda (Ass. ed.) *Architecture: a place for women*. Washington/London: Smithsonian Institution Press, 1989.
- BESSE, Susan K. *Modernizando a Desigualdade: Reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil, 1914 – 1940*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e Artefato: O Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material – São Paulo, 1870 – 1920*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- CHANTER, Tina. *Gênero: Conceitos-chave em filosofia*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- FRANCK, Karen. *A Feminist Approach to Architecture: Acknowledging Women's Ways of Knowing*. In: RENDELL, Jane et. al. (eds.) *Gender Space Architecture An Interdisciplinary Introduction*. London/New York: Routledge, 2000.
- LIMA, Ana Gabriela Godinho. *Arquitetas e Arquiteturas na América Latina do Século XX*. São Paulo: Altamira, 2014a.
- \_\_\_\_\_. *A questão do gênero no processo de projeto em arquitetura e design*. III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (III ENANPARQ). São Paulo, 2014b.
- \_\_\_\_\_. *Reverendo a História da Arquitetura: Uma Perspectiva Feminista*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Feminismo e Arquitetura no Século XX*. In: Bertolin, P.T.M.; Andreucci, A.C.P.T. *Mulher, Sociedade e Direitos Humanos*. São Paulo: Editora Rideel, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Architectural Sketches: The Skill In The Field*. IV Seminário Nacional sobre Ensino e Pesquisa em Projeto de Arquitetura – PROJETAR. São Paulo, 2009.
- SPARKE, Penny. *As long as it's pink: the sexual politics of taste*. Nova Escócia Canada: NSCAD, 1995, 2010.
- SUAREZ, Rosana. *Nota sobre o conceito de Bildung (formação cultural)*. *Kriterion: Revista de Filosofia*, *Kriterion* vol. 46 nº. 112 Belo Horizonte, Dec. 2005.
- TARDIF, Maurice. *Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério*. *Revista Brasileira de Educação*, Jan/Fev/Mar, nº 13, 2000. (pgs. 5 a 24)
- WOODWARD, Sophie In: Buchli, V. *The material culture reader*. Oxford: Berg. 2002 (acesso em 04 de Abril de 2014).